

METODOLOGIA OU TECNOLOGIA: O QUE VEM ANTES NO ENSINO HÍBRIDO?



**Izaú Alencar
Cunha**
Graduado em
Letras e Literatura.
Revisor no SAS
Plataforma de
Educação

Ensino híbrido depende, mais do que de tecnologias digitais, de estratégias que conduzam o aluno à apropriação autônoma de competências e habilidades

Com o *hype* da inovação tecnológica na educação, pensamos em aparatos high-tech como ferramentas centrais nos moldes do que virá a ser o ensinar, resultado de um longo processo. De fato, leva tempo até que novas tecnologias se tornem mais acessíveis, mas, no contexto da sala de aula, os obstáculos são analógicos, como a resistência à assistência de ferramentas digitais, vistas como um caminho à obsolescência do professor e uma mudança radical nos moldes escolares. São vários os obstáculos na jornada de modernização, como também são comuns os preconceitos.

Quanto ao ensino híbrido, por exemplo, não é prudente considerá-lo um fenômeno educacional recém-descoberto, mas o equívoco é compreensível na medida em que meios de comunicação o colocam cada vez mais em foco como tendência na educação. O boletim de pesquisa de 2001 da organização Educause já ponderava que metodologias semelhantes são praticadas nas universidades há 40 anos. Ainda, tomando a nomenclatura literalmente e considerando aulas expositivas como prática-base em sala de aula, já aplicamos hibridismo na medida em que expomos o aluno a diferentes ambientes e práticas, a problemas que exigem múltiplas habilidades. A mesclagem de aulas expositivas com momentos de estudo autônomo, auxiliados por ferramentas digitais e tutoria, apenas define um hibridismo moderno.

A bem da verdade, tecnologias digitais não são centrais no ensino híbrido, se temos em mente sua essência. Se ensinamos um assunto em diferentes ambientes, utilizando diferentes ferramentas e metodologias, incentivando a autonomia e considerando diferentes tipos de inteligência, já "hibridizamos" o ensino. O que se busca é a reformula-



ção da experiência de aprender e, nesses termos, isso acontece sob a administração de um professor tutor capaz de reconhecer habilidades e necessidades, de entender de que forma seus alunos aprendem, de direcioná-los para que suas experiências sejam convertidas em conhecimentos ligados às suas vivências. Isso é importante em tempos em que discutimos as diferenças e velocidades do aprendizado, as implicações da era digital e como construir conhecimentos e habilidades relevantes para a realidade.

Nesses termos, partimos com mais segurança para a reflexão sobre o porquê de o ensino híbrido ter incorporado um apelo tecnológico e digital que hoje é quase intrínseco ao termo. Esse apelo é levantado especialmente por possibilidades-chave no ensino-aprendizado, capazes de dar autonomia ao aluno e estatísticas ao professor. As plataformas adaptativas, por exemplo, são sistemas de avaliação que desafiam o aluno a estudar mais os assuntos que ele sabe menos. Ainda, em um contexto em que os softwares têm incorporado cada vez mais possibilidades interativas, provocar o aluno a manusear variadas mídias permite uma visão multifa-

cetada sobre os assuntos. Por trás disso, o professor levanta dados que lhe permitem acompanhar o aprendizado e traçar metas individuais, administrando turmas heterogêneas com mais competência, compreendendo a que tipo de estímulos cada aluno reage melhor – visual, verbal, prático. Em uma escala maior, escolas inteiras podem levantar estatísticas importantes para avançar o desenvolvimento de seu projeto pedagógico.

Essa modalidade de ensino certamente faz os olhos brilharem para um futuro mais personalizado e diversificado nas escolas, e se trata de uma prática já bastante incentivada. Instituições como a startup de tecnologia Geekie apostam na utilização de metodologias híbridas. Plataformas de educação também incorporam cada vez mais o teor multifacetado de tecnologias digitais para a obtenção de melhores resultados. O ensino híbrido high-tech é, claramente, uma tendência favorável à educação que talvez demore um pouco para chegar a todas as escolas, mas, por enquanto, toda sala de aula já tem potencial para o hibridismo, mesmo que seja cultivando grãos de feijão em flocos de algodão. O importante é não cair no tradicional. ■

www.portalsas.com.br